

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 215/2012

## FINALMENTE, A RIO+20

Passada uma semana, dá para comentar essa Conferência com mais serenidade.

Uma conferência internacional é um evento essencialmente político, e a política requer uma dose mínima de realismo, de atinência à realidade das coisas. E a realidade é a de um mundo no qual a produção é comandada pelas empresas, pelas grandes empresas financiadas pelos grandes bancos na regra capitalista, que demanda a maximização dos lucros para o Capital. Essa regra pouco reconhece preocupações ambientais, e quaisquer restrições ou limitações a ela (a essa regra fundamental do capitalismo), só podem ser implementadas por decisões políticas emanadas dos Estados nacionais. Na medida em que esses Estados se estruturam por intermédio de eleições populares, essas decisões políticas exigem claras manifestações eleitorais das populações a favor do meio ambiente contra os interesses do Capital. E essa nitidez de manifestações eleitorais infelizmente ainda não aconteceu em escala decisiva. Não é preciso dizer que as eleições são fortemente influenciadas pelo próprio Capital.

Até agora, as manifestações populares no mundo têm sido marcadas pelo desejo de consumir mais, de ter um PIB maior, com mais emprego e melhores salários. Por esses objetivos se têm orientado as maiorias eleitorais. Manifestações preservacionistas, por uma governança global que cuide do planeta, têm sido muito menores e mais elitistas, e em nenhum país do mundo, até agora, surgiu um partido ambientalista realmente forte nas eleições.

Dentro deste quadro de realidade, forçoso é reconhecer que seria muito difícil, para não dizer impossível, extrair da RIO+20 decisões substantivas, com compromissos quantificados de preservação e criação de mecanismos internacionais de controle ambiental e de financiamento ao desenvolvimento sustentável dos países mais pobres.

Assim é que, em julgamento fundado no bom-senso, não se pode qualificar de fracasso a RIO+20. Foi o que teria de ser: um esforço de mobilização política organizada, com o fim de reconhecer preocupações ambientais por parte dos governos de todo o mundo, e principalmente de aumentar o grau de conscientização de toda a Humanidade em relação aos riscos de destruição da Terra. E isso, que era importante, aconteceu. E aconteceu com uma presença muito destacada do Brasil, que acabou presidindo a negociação complicada para a produção do texto fraco mas consensual. Particularmente feliz foi a resposta da Presidenta Dilma à Primeira Ministra Dinamarquesa que criticava a inocuidade do documento: melhor ter um documento fraco do que não ter nenhum, como aconteceu em Copenhagen em passado recente.

Muito marcante e bastante efetivo foi o encontro de prefeitos de cinquenta e cinco das maiores cidades do mundo: este sim, estabeleceu compromissos quantificados e datados de redução de emissões poluentes nessas aglomerações onde vivem meio bilhão de pessoas. E é das grandes cidades que emanam as grandes correntes de opinião.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturnino.braga@uol.com.br](mailto:saturnino.braga@uol.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 215/2012

Fatores ponderáveis contribuíram muito para um esvaziamento que poderia ter sido muito maior, calamitoso: a crise europeia, mostrando claramente que o que mais importa é o PIB, não a ecologia, e a difícil reeleição do Presidente Obama, que para eles excede tudo o mais em prioridade. O Presidente Hollande salvou a Europa do desinteresse completo e a Secretária de Estado Hilary Clinton, na sua passagem relâmpago, não logrou o mesmo para os Estados Unidos.

A presença do Brasil foi bem destacada como já disse: a inovação da participação de representações da sociedade nos debates com os políticos foi reconhecida como criação brasileira e relevante; as belas imagens do Rio nas telas do mundo inteiro, com a população comparecendo maciçamente em clima descontraído, também foi muito positiva; como foi a ordem impecável reinante em todo o evento, que acabou tendo mais visitantes do que era esperado. De criticável, só o preços extorsivos cobrados pelos hotéis, que extrapolaram bastante os limites do razoável, reafirmando que, para o Capital, o que importa é o lucro, não o ambiente.

De finalmente, é de se fazer aos verdes de todo o mundo uma conclamação e uma pergunta. A conclamação é por uma atenção maior à política e aos votos eleitorais: todas as decisões de interesse público passam pela política; no nosso Ocidente, passam pelas eleições, pelos partidos, pelos votos populares. É indispensável, pois, uma boa arregimentação político-partidária em favor do meio ambiente; ela já existe mas ainda é fraca, não pesa decisivamente nas eleições.

A pergunta é: por que não o socialismo? O consenso ambientalista mostra que é preciso mudar o estilo de vida de todo o mundo, no sentido de reduzir os elevados padrões de consumo das áreas mais ricas e não deixar que os mais pobres queiram seguir o mesmo caminho do consumismo. Como fazer isso, se não através do Socialismo? O capitalismo, sem dúvida, é o melhor para fazer crescer o PIB e o consumo; mas, como disse Marx, “desmancha no ar tudo o que é sólido”, inclusive o nosso planeta. Por que não o socialismo?

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturnino.braga@uol.com.br](mailto:saturnino.braga@uol.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)